

# O Congresso e o pacote

JORNAL DE BRASÍLIA

Haroldo Hollanda

22 MAR 1990

O presidente Collor de Mello passou o dia de ontem e continuará hoje dedicado quase que exclusivamente a receber lideranças partidárias, a quem está dirigindo apelos a fim de que aprovem, sem alterações fundamentais, seu programa econômico. Na noite de anteontem na casa do deputado baiano Jorge Viana, da linha "moderada" do PMDB, a ministra Zélia Cardoso de Mello jantou com parlamentares de vários partidos. A ministra da Economia voltou a insistir na necessidade de que o plano por ela elaborado e por sua equipe seja mantido pelo Congresso, uma vez que, segundo justificou, possui a necessária flexibilidade para ir se ajustando às situações de anormalidade que poderão se registrar em sua execução.

O senador mineiro Ronan Tito, líder do PMDB, é da opinião de que o Congresso não criará maiores embaraços à aprovação do plano econômico do Presidente Collor de Mello. Lembra que em todos os partidos há a esse respeito um clima político de boa vontade. "De onde poderão partir resistências?" se pergunta o líder do PMDB, respondendo ele próprio que seu partido e as demais agremiações partidárias se dispõem a dar um voto de confiança ao novo governo. Assinala que no próprio PDT há vozes dis-

cordantes, como a do deputado César Maia, em relação à posição assumida pelo ex-governador Leonel Brizola, que se transformou no mais intransigente adversário do novo programa econômico.

Em decorrência do resultado das eleições presidenciais, processou-se uma completa reviravolta no comportamento interno dos partidos. Um dado expressivo: anteontem à noite o deputado Ibsen Pinheiro, líder do PMDB, compareceu ao jantar na casa do seu correlegionário baiano, o deputado Jorge Viana, em homenagem à ministra da Economia. Jorge Viana, na Constituinte foi um dos mais ativos e atuantes líderes do Centro. Em outros tempos, Ibsen evitaria comparecer a um encontro dessa natureza, com receio naturalmente do patrulhamento político que poderia sofrer em seu próprio partido. O deputado Genebaldo Correia, primeiro vice-líder do PMDB, dizia ontem que seu partido hoje é o "partidão", na medida em que recebeu a incumbência de relatar quase todas as medidas provisórias do pacote econômico. Isso dá ao PMDB um grau de coresponsabilidade no programa econômico em execução.

O senador Ronan Tito, líder do PMDB, acha que o plano tem tudo para dar certo, embora ele seja re-

cessivo. O êxito do programa, segundo seu julgamento, irá depender do bom gerenciamento que venha a ter. O PMDB vai insistir na necessidade de alterar o teto de retirada das cadernetas de poupança. Políticos que estiveram anteontem no jantar na casa de Jorge Viana acreditam que o governo está duro na defesa do seu "pacote" econômico para na fase de negociação com o Congresso ceder o mínimo possível. A propósito, o senador Mário Covas, do PSDB, lamentou declaração feita pelo deputado Renan Calheiros, líder do Governo, de que o "pacote" é inegociável. No seu entender, o governo pode até operar no sentido de tornar o "pacote" inegociável, mas um parlamentar não pode expressar de público esse ponto de vista, porque representaria no fundo uma diminuição do papel do Congresso ou o desconhecimento de sua existência como poder.

No PFL a inclinação natural do partido é a de dar todo o apoio ao plano econômico. No entanto, vários parlamentares do PFL advertiram seu líder na Câmara, o deputado Ricardo Fiuza, de que ele precisa ser mais prudente em suas entrevistas, a fim de se preservar e a bancada para eventuais atitudes políticas, que resolvam considerar como mais conveniente ao interesse do partido que integram.